



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

GT PEDAGOGIA DAS ARTES CÊNICAS - POÉTICAS DESCOLONIAIS NO
ESPAÇO URBANO/PÚBLICO - OCUPAÇÕES, DEAMBULAÇÕES,
INTERVENÇÕES NO ESPAÇO URBANO/PÚBLICO

SÍSIFO E O PROFESSOR DE TEATRO: UM OLHAR PERIFÉRICO-DESVIANTE SOBRE O COTIDIANO ESCOLAR

MAURICIO BARBOSA DE LIMA

LIMA, Maurício Barbosa de. **Sísifo e o professor de teatro: um olhar periférico-desviante sobre o mobiliário escolar**. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGARC); Mestrado em Artes Cênicas; Orientadora: Naira Ciotti.

RESUMO

Por meio do diário de campo, recorreremos a instantes do cotidiano de uma escola pública do município de João Pessoa – PB, com o objetivo de tecer olhares marginais ao mobiliário escolar e seu ordenamento dominante. Dialogamos, portanto, com o mito de Sísifo relacionando-o com a imagem de um docente que, ao arrastar materiais pela escola, desalinha uma organização pré-determinada, promovendo fugas a um “jeito de pôr as coisas” que normatiza e disciplina os corpos, como afirma a pesquisadora brasileira Kátia Maria da Silva (1994). Assim como o filósofo português Boaventura Santos (2004), acreditamos que olhar o trabalho do professor de teatro a partir da periferia, torna mais visível as estruturas de poder e saber presentes no ambiente escolar.

PALAVRAS-CHAVE: sísifo: cotidiano escolar: professor de teatro: periferia:
mobiliário escolar

- 3327 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

RESUMEN

Por medio de un diario de campo, recurrimos a instantes de lo cotidiano de una escuela pública del municipio de João Pessoa – PB, con el objetivo de tejer miradas marginales al mobiliario escolar y su ordenamiento dominante. Dialogamos, por tanto, con el mito de Sísifo relacionándolo con la imagen de un profesor que, al arrastrar materiales por el colegio, desaliña una organización predeterminada, promoviendo un escape a una “manera de poner las cosas” que estandariza y disciplina los cuerpos, como afirma la investigadora brasileña Kátia Maria da Silva (1994). Así como el profesor filósofo portugués Boaventura Santos (2004), creemos que mirar el trabajo del profesor de teatro a partir de la periferia, torna más visible las estructuras del poder y saber presentes en el ambiente escolar.

PALABRAS-LLAVE: sísifo: cotidiano escolar: profesor de teatro: periferia: mobiliario escolar.

RESUMÉ

Par le biais du journal de bord, nous avons utilisé les moments de la vie quotidienne d'une école publique de la ville de João Pessoa - PB, afin de tisser des regards marginaux sur le mobilier scolaire et son agencement usuel. Nous avons discuté, par conséquent, du mythe de Sisifo, le reliant à l'image de l'enseignant qui, en déplaçant le mobilier scolaire, perturbe une organisation prédéfinie, promouvant d'autres façons de placer les choses, qui normalise et discipline les corps, comme affirme la chercheuse Brésilienne Katia Maria da Silva (1994). Tout comme le philosophe portugais Boaventura Santos (2004), nous croyons qu'étudier le travail du professeur de théâtre à partir de la périphérie, fait apparaître plus clairement les structures de pouvoir et de savoir présentes dans le milieu scolaire.

MOTS CLÉS: sisifo: quotidien scolaire: professeur de théâtre: périphérie: mobilier scolaire.

Talvez o mito de Sísifo ajude-nos a compor uma maneira de olhar o trabalho docente por meio de bordados poéticos. Seguimos a canção interpretada por Maria Bethânia, que nos

- 3328 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

diz: “o mais importante do bordado é o avesso” (VELLOSO; VERCILLO, 2009). O que seria atingir esse avesso do cotidiano escolar vivenciado por um professor de teatro? Recorro a instantes do cotidiano em uma escola pública no município de João Pessoa- PB - local onde, o pesquisador que vos escreve, atua como professor de Teatro - para tentar vislumbrar um toque delicado ao que chamamos de desconhecido: quando a produção de respostas é suspensão e a pedra escapa da mão e rola para o ponto mais baixo da montanha.

Na mitologia grega este personagem é condenado a rolar eternamente uma pedra para o cume de uma montanha, vê-la despencar e, novamente, voltar a carregá-la. (STEPHANIDES, 2016, p. 28) Escolhemos Sísifo como uma figura mitológica para servir de fio condutor desta pesquisa, pois relacionamos, inicialmente, o profissional em questão com suas atividades burocráticas diárias, como, por exemplo, acordar cedo para enfrentar as densas paredes monocromáticas no horário marcado; planejar aulas; participar de reuniões pedagógicas; atravessar grades, barulho e o tilintar das correntes e cadeados; preencher quadrados minúsculos que diz quem veio e quem não veio; arrastar as cadeiras enfileiradas para aplicar atividades artísticas que façam os indivíduos mexer o corpo.

Neste caminho, Oliveira (2003), em uma pesquisa sobre representação docente, identificou o mito de Sísifo, ao perceber duas características principais que se perpetuam no ambiente escolar: a visão de que ensinar é um dom e o número exaustivo de demandas que não param de chegar. A autora chama de “Síndrome de Sísifo” o tom de cansaço dos professores ao avaliarem suas condições de trabalho, identificando a sensação de uma eterna repetição de tarefas que parecem não ter fim.

Recorrentemente percebo a preocupação da supervisora pedagógica para que os diários de classe estejam atualizados, os planos de aulas mensais e anual sejam entregues na data combinada, as práticas

- 3329 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

pedagógicas desenvolvidas em sala sejam atravessadas pelas demandas que chegam à escola. (Diário de Campo - 04/03/2016)

Ao associar o trabalho do professor como vocação, uma missão superior, nos deparamos com uma imagem profética, evidenciando um sujeito que aponta para o futuro, alertando sobre os perigos que virão, os caminhos que não devem ser trilhados, os exemplos que não devem ser seguidos. Uma ação individual com o objetivo de mover multidões. Algo parecido com o que Silvio Gallo (2008) chama de professor-profeta: “alguém que anuncia as possibilidades, alguém que mostra um mundo novo.” (p. 61) Ainda, segundo Gallo, esta imagem profética dada ao professor, transforma-o em um legislador, fabricando planos e diretrizes gerais que vislumbram um mundo novo que virá.

O fato de apontar para o futuro, anunciando um horizonte que está prestes a chegar, parece reivindicar adeptos que assumam esta responsabilidade para que os caminhos projetados direcionem os indivíduos ao que foi mirado à distância. Talvez aqui possamos enxergar uma enorme pedra carregada por Sísifo, pois para se chegar ao paraíso que de longe foi visto, faz-se necessário transportar o fardo da responsabilidade; como num teste de resistência que só vencem aqueles que conseguiram provar que aguentam um grau elevado de obrigações. Essa imagem “sísifíca” relaciona-se a um corpo que se faz na repetição, na atualização, na busca por novas respostas porque a pedra sempre está escapando, rolando repetida vezes montanha a baixo. Novamente deve-se voltar “ao começo, ao fundo do fim” (GONZAGUINHA, 1984), para que o docente possa obter “segurança em sua prática diante das mudanças que estão ocorrendo na sociedade e na educação.” (GENTILLINI; SCARLATTO, 2015, p. 25)

Até agora lançamos um olhar sobre o professor de teatro a partir desta representação geral do trabalho docente tomando como base dois eixos principais: vocação e exaustão. Um Sísifo, ou seja, um profissional que, ao anunciar um mundo novo, está condenado a repetir um roteiro de ações previamente definido. Porém, ao citar o avesso do bordado no início deste

- 3330 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

texto, reportávamos não a uma visão representacional, mas a partir do que mancha esta imagem. Seria necessário deslocar-se um pouco, compreender de maneira semi-inclusa. Como um indivíduo que se encontra “na borda desta multidão” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.42.) Habitar uma zona periférica não significa negar totalmente a importância do trabalho técnico do professor de teatro, mas promover nossos focos de visão. O marginal aqui é o “estar atento” àqueles sopros que faz-nos suspender, por um momento, o “peso da pedra de mármore”.

Seguimos o que aponta o filósofo português Boaventura de Souza Santos (2004) ao afirmar que atuar na periferia possibilita acentuar as relações de poder que existem em um determinado campo do saber, indicando como essas dinâmicas agem de forma hierárquica e hegemônica. Ao propor um trabalho que se dá em uma zona periférica, encaminhamo-nos a novas vivências que não estão inscritas em uma norma geral, promovendo deslocamentos que borram a imagem de um docente que está sempre repetindo um mesmo roteiro de ações.

O mobiliário escolar e o professor de teatro. Que tal promover desvios?

O palco está vazio até que dois dançarinos entram em cena com dois blocos de madeira, de formato retangular, e os colocam na posição vertical, um mais a direita e o outro mais à esquerda da caixa cênica. Duas bailarinas sentam-se nesses objetos, de costas para o público. Ao som de uma caixinha de música, tocada ao vivo, as bailarinas iniciam uma relação com os blocos: ficam em pé, deitadas, tentando se equilibrar. Quedas e empurrões também fazem parte da movimentação. Durante o desenvolvimento da cena, outros intérpretes modificam a posição das bailarinas nos blocos, podendo removê-los ou, ainda, adicionar blocos ainda menores. Eles usam um capuz feito por sacos de papel, também de formato retangular, comuns em padarias, e utilizam, em algumas circunstâncias, cordas para mover os blocos.

- 3331 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

Esta cena do espetáculo “Pequenas frestas de ficção sobre uma realidade insistente” (2009), do grupo catarinense Cena 11, ao apresentar uma dança sobre blocos de madeira, pode nos remeter a um corpo que se movimenta, mesmo diante de dificuldades aparentes. Os empurrões e as quedas reforçam esta leitura quando apresentam uma insatisfação do corpo à rigidez do objeto. Relação de resistência que parece voltar quando vemos entrar em cena dois dançarinos encapuzados, com cordas e blocos de madeira ainda menores, aumentando a dificuldade no tocante a exploração da movimentação corporal.

Utilizando este recorte de cena para pensar a escola, podemos ler os blocos como a organização do mobiliário escolar. As bailarinas poderiam ser aquele professor de teatro que está sempre experimentando outras maneiras de se relacionar com a escola. Um docente que arrasta móveis e materiais, reconfigurando uma organização dada de antemão. Está mais interessado em “saborear” outros ares do que reforçar um caminho conhecido. O cansaço, advindo pela metáfora de Sísifo, é manchado por um sopro de vida que se dá quando vivenciamos os desvios ao que estamos acostumados - uma organização espacial dominante.

Estou ministrando aulas para o Ciclo Alfabetização da EJA (turno noturno), turma composta apenas por adultos e idosos. Ontem ministrei uma aula inspirada no conteúdo jogo dramático. Ao escutar uma incelença, reproduzida por um aparelho de som, eles deveriam andar pela sala e interpretar que estavam indo para um enterro de um ente querido. Distribui véus brancos (que deveriam pôr sobre a cabeça). Duas mulheres rejeitaram usar os véus, mas todos participaram da atividade, incluindo os homens da sala que se dispuseram a usar o tecido sobre a cabeça. Arrastamos as carteiras; a sala não tinha mais cadeiras enfileiradas, mas um espaço livre para eles andarem. Quando terminamos a atividade uma aluna olha pra mim e disse espontaneamente: “ah, professor! só o senhor para me fazer esquecer das minhas dívidas”. (Diário de campo: 04/03/2016)

- 3332 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

Acreditamos que um professor, ao buscar este sopro de vida, mesmo diante de uma rotina escolar recheada de normatizações, está a todo momento indicando os módulos de composições predominantes, tensionando o caráter normativo produzido pela recorrência de processos que privilegiam condutas homogêneas. No caso deste texto, escolhemos partir da organização do mobiliário escolar para atingir esse tom escolar que visa a disciplina dos corpos, tanto dos professores como dos alunos, valorizando o cumprimento de ordens e tarefas estipuladas antes mesmo do docente ou discente entrar na instituição em xeque.

Em um pesquisa sobre representação do ambiente escolar, a pesquisadora Silvia Cruz (1997) entrevistou cinco crianças da cidade de Fortaleza (CE) que iriam iniciar seus estudos no ensino fundamental em uma escola pública. Durante a coleta de dados, observou-se a presença das cadeiras como um dos objetos presentes na representação que os entrevistados faziam da instituição em questão.

Antes do início das aulas as crianças mostraram também um razoável conhecimento do que devem encontrar na escola. Andrea afirma: “Lá tem brinquedo, tem boneca, tem carro, tem bola, na classe tem mesa, cadeira, aqueles armarinhos de botar livro. E ... tem desenho, lápis de cera.” A fala de Jânio também é exemplar: “Às vezes tem ... na escola, assim de criança, tem brinquedo pra gente brincar. (...) Na classe tem as cadeiras, né, tem a lousa pra gente desenhar, tem as mesas pra gente botar os cadernos, né? A lousa serve pra gente botar os nomes. E quando a gente tá na cadeira, se for pra tomar nota, aí olha na lousa e faz no caderno.” (CRUZ, 1997, p. 95-96)

Os depoimentos acima mostram-nos que, além da presença das cadeiras, há uma expectativa para que a escola seja um ambiente lúdico. Nos dois entrevistados pudemos notar, na

- 3333 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

primeira parte de suas falas, a presença de brinquedos, bonecas, bola... Elementos que são associados à brincadeira e a diversão. Porém, logo em seguida, os entrevistados indicam que ali, também, é lugar para atividades de leitura e escrita, de “atividades mais sérias”, quando remetem-se a presença de “mesas pra gente botar os cadernos, né?”.

No decorrer da pesquisa, Silvia Cruz volta a entrevistar os alunos e percebe que a visão que eles obtêm da escola muda, à medida que estes frequentam este ambiente. Se nos depoimentos acima há uma recorrência pelo caráter lúdico, a fala a seguir, de um aluno que já vivencia a instituição, reforça o aspecto disciplinar:

Essa verdadeira tentativa de cerceamento da liberdade das crianças foi muito sentida por elas. Jânio, por exemplo, revelou numa entrevista: “O pior é só ficar sentado na cadeira. [E o que você queria que acontecesse?] Que a gente pudesse levantar, ao menos um instante. Fica... fica sentado até na hora do recreio!” (CRUZ, 1997, p. 98-99)

Como vimos, nos três discursos, acima expostos, a cadeira está ligada a processos de normatização e às atividades de escrita. A última entrevista reforça esta afirmação quando a criança reclama do ato de ficar sentado por muito tempo. O sentar e a cadeira são associados, logicamente, pois a predominância do seu uso em uma só posição é reforçada pelo professor que, para evitar a bagunça na sala, repete exaustivamente: “vá sentar no seu lugar.”

A escola tem em média 20 alunos, por sala, no turno da manhã. Controlá-los é um jogo de mestre. “Silêncio”; “sente no seu lugar”; “volte para a sala”; “onde está o seu caderno?”; “saia da janela”... são falas que recorro frequentemente. (Diário de Campo: 11/09/2015)

- 3334 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

Ainda sobre a normatização produzida pela configuração espacial do mobiliário escolar - em especial a cadeira - gostaríamos de citar a pesquisa desenvolvida por Kátia Maria da Silva (1994) que, ao propor um estudo sobre a relação entre o corpo sentado e a escola, aponta a inquietação que o estudante sente ao permanecer muito tempo em uma mesma posição.

É comum vermos os alunos, principalmente os mais novos e especialmente os com menor estatura, tendo que permanecer nas cadeiras, movimentarem-se o tempo todo, mudando de posição, voltando-se para trás, para os lados, abaixando-se para pegar do chão um lápis, uma borracha.

(SILVA, 1994, p. 86)

Enquanto assiste uma aula, esse discente é capaz de encontrar diferentes

“encaixes”, podendo transformar seu assento em uma cadeira de balanço. Kátia Silva observou essa transformação, registrando em seu trabalho a recorrência de alunos que apoiam as cadeiras nas pernas traseiras, balançam-se, enquanto o professor ministra a aula. (SILVA, 1994, p. 79) Ação arriscada, pois, assim como as bailarinas do espetáculo, citado acima, estes estudantes frequentemente caem.

Douglas, aluno do sétimo ano, apareceu na janela. 'Cresce rápido' - pensei. Lembrei de um acidente que aconteceu ano passado com ele. Era a penúltima aula do dia. Eu já estava cansado, mas organizava a turma para ir até o laboratório de artes cênicas para que pudéssemos experimentar o conteúdo proposto no planejamento: jogos dramáticos. Antes de pedir aos alunos para formarem uma fila, preenchia o diário de classe com frequência dos alunos. Douglas, porém, balançava-se displicentemente na cadeira no fundo da sala, até que escorregou e caiu. Os alunos riram da situação, mas ao

- 3335 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

perceberem que Douglas não se levantava, começaram a cercá-lo por curiosidade. Lembro de vê-lo caído, reclamando de dor. Eu segurava o gelo em seu pescoço. Ligamos para o Serviço de Atendimento Móvel Urgente, pois ele não conseguia ver e andar. Entramos naquele veículo de sirene vermelha e fomos até um hospital de emergência/urgência. Vi os enfermeiros conduzi-lo na maca enquanto meu coração batia acelerado e tentava manter uma calma exterior. Quando chegamos até o destino indicado, vi a mãe do aluno preocupadíssima, chorando e dizendo que aquele menino era muito valioso para ela. Douglas foi levado para o setor de pediatria e sua mãe foi à recepção. Fiquei observando o frio questionário sendo realizado. Até que foi perguntado: “qual a rua você mora?”. Com a voz, a mão e o corpo trêmulo a mulher responde: “tem nome não. a rua é sem nome.” A recepcionista colocou qualquer coisa naquele papel, para tentar substituir a lacuna do “sem nome”. Às vezes, a gente faz isso né?! Coloca algum nome para tentar suportar o desconhecido. Insisti para que eles me deixassem entrar, pois fui testemunha ocular do acidente. Depois de descrever a médica o ocorrido olhei Douglas e pedi para ele ficar bem. Tive que ir, mas desde então não olho para o aluno com os mesmos olhos. Sempre o “sem nome” oferece-me uma lembrança, um abraço reconfortante e angustiado. (Diário de Campo - 06/05/2016)

O desvio que Douglas proporcionou à aula nos fez ficar “sem-nome”. O conteúdo programado foi suspenso por uma mudança abrupta de percurso. Mesmo com a aula planejada, ou seja, uma possibilidade para o futuro arquitetado, o acontecimento mandou um recado: “estamos, inexoravelmente, expostos às surpresas” (LINHARES, 1997, p. 27). Se encararmos esses acontecimentos - que desviam de um caminho já conhecido, de uma organização pré definida - como um artefato para pensarmos o cotidiano escolar, tomaremos este fato, não pelo que prossegue linearmente - como um rio que certamente irá desembocar

- 3336 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

no mar -, mas pelas suas descontinuidades, pela sua rebeldia a força do hábito. O não-planejado age como um terremoto, formando frestas que suspendem a imagem do professor profeta (aquele que sabe o que vai acontecer) e de Sísifo (aquele que repete exaustivamente uma série de ações).

Ao trazer o acontecimento da queda, apresentada por meio do trecho do diário de campo, é nossa intenção degustar, por meio deste texto, esse “sem nome” que a mãe de Douglas nos trouxe. O acidente do aluno faz-nos criar uma ode aos imprevistos: “quando caímos da cadeira, nossas certezas são abaladas.” Um canto propício em tempos atuais, pois mesmo um professor de teatro, que lida com práticas corporais, enfrenta cotidianamente um número alto de atividades pedagógicas e burocráticas e uma organização do mobiliário escolar que privilegia o “copiar do quadro”. O “cair da cadeira” resiste a esta imagem de um professor que sempre tem algo importante para dizer, um caminho traçado de antemão.

Penso que o maior perigo para a Pedagogia de hoje está na arrogância dos que sabem, na soberba dos proprietários de certezas, na boa consciência dos moralistas de toda espécie, na tranqüilidade dos que já sabem o que dizer aí ou o que se deve fazer e na segurança dos especialistas em respostas e soluções. Penso, também, que agora o urgente é recolocar as perguntas, reencontrar as dúvidas e mobilizar as inquietudes. (LARROSA, 2010, p. 08)

Um olhar desviante sobre o mobiliário escolar

Como a bailarina que empurra o bloco retangular no espetáculo “Pequenas frestas de ficção sobre uma realidade insistente” (2009), há, aparentemente, um incômodo presente nos professores de teatro ao se mobilizarem para modificar o espaço da sala de aula, proporcionando que os alunos saiam da rotina do “enfileiramento.” Incômodo porque esta recorrência diária de cadeiras uma atrás das outras, parece reforçar um poder disciplinar

- 3337 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

sobre a escola, dificultando o desenvolvimento de atividades que lidam com a sensibilidade estética e corporal.

O poder disciplinar ainda toma conta das escolas pelo país e o mais comum nas salas de aula é encontrarmos crianças sentadas durante tardes ou manhãs inteiras, com alguns momentos de distração/diversão proporcionados pelos 20 minutos do recreio ou pelas aulas semanais de educação física, quando elas existem. (FALKEMBACH, FERREIRA, 2012, p. 10).

Na busca de explorar outras maneiras de se experienciar o espaço da sala de aula, o professor de teatro acaba afastando os obstáculos. Podemos então estabelecer um diálogo com o espetáculo *Café Müller* (1978), dirigido pelo coreógrafa alemã Pina Bausch. Em uma das cenas, uma dançarina, com cabelos soltos e vestida com uma camisola branca dança de olhos fechados. No palco há muitas cadeiras de madeira que são afastadas por um intérprete enquanto a bailarina se desloca pelo espaço. Para evitar que o corpo se esbarre, o responsável pelas cadeiras encontra-se em estado de atenção, pois a qualquer momento a intérprete pode executar um movimento rápido, com amplo deslocamento, exigindo um espaço mais amplo.

O ruído, provocado na cena pelas cadeiras que se chocam umas nas outras, lembra o momento da aula que os alunos levantam-se da cadeira para modificar o espaço. Diferente dos objetos do espetáculo *Café Müller*, as cadeiras das escolas públicas do município de João Pessoa, são feitas de dois materiais predominantes: madeira ou plástico (na parte do encosto e do assento) e ferro (em sua estrutura). É a parte metálica que produz um barulho estridente quando este objeto é arrastado. Pode-se ouvir o barulho deste arrastar de outros ambientes da escola. Neste momento, talvez, algum funcionário pense com seus botões: “a aula de teatro começou.” Professor que utiliza este incômodo - que se dá quando percebe uma organização pré definida sobre o mobiliário escolar -, arrasta objetos, buscando outros

- 3338 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

espaços da escola para realizar atividades de cunho artístico. As aulas de teatro parecem propor uma vivência com o espaço, explorando-o e esgotando suas possibilidades a ponto de criar diferentes maneiras de percebê-lo, senti-lo, cheirá-lo... Este processo se dá primeiro a partir da percepção de que a rotina pode normatizar um modelo de ser professor que valoriza a ordem e a disciplina, restringindo processos criativos. Porém vai além (ou aquém) ao buscar desvios confeccionados por meio de um mapeamento de como determinada instituição acomoda seus móveis, procurando modificar o que foi cristalizado cotidianamente. Como apresenta Silvio Gallo (2008): “viver as situações e dentro dessas situações vividas *produzir a possibilidade do novo.*” (p. 61)

É um movimento de resistência, pois o espaço físico da escola não ajuda. A sala que realizamos aulas práticas têm carteiras e cadeiras que devem ser afastadas. (Diário de campo: 20/10/2015)

Diferentemente de um professor profeta que age individualmente, apontando sempre para o futuro; temos a figura do professor militante como aquele, que vivenciando o nível de miséria que os alunos vivem (GALLO, 2008, p. 61), tateia possibilidades outras, construindo coletivamente uma atitude de rebeldia àquilo que resiste às mudanças. Atuando nas micro relações, o professor militante traça estratégias que vão além e/ou aquém de um ordenamento engessado. Atos pequenos que se colocam no lugar de grandes esquemas sistemáticos, operando no “dia-a-dia, cavando seus buracos, minando os espaços, oferecendo resistências.” (GALLO, 2008, p. 68)

Esta atitude rebelde às convenções que se apresentam cotidianamente com seu caráter normativo, talvez seja uma característica dos artistas ao buscar novos olhares sobre um determinado objeto que, ao ser usado de uma forma unívoca, acaba restringindo os múltiplos sentidos que ele pode remeter.



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

Temos, como exemplo, o trabalho com cadeiras realizado pelo artista plástico brasileiro Orlando Marques, ao propor um olhar deslocado sobre estes objetos, utilizado de forma recorrente por nós em diferentes ocasiões, inclusive no ambiente escolar. As suas obras são marcadas por composições variadas que o artista atribui a este mobiliário. Em algumas, as cadeiras assumem estaturas e cores distintas; outras são fixadas no chão dando uma ideia de imobilidade; podem ser confeccionadas por materiais leves ou pesados, dependendo do lugar onde serão expostas e fixadas (paredes, pisos espelhados, molduras, janelas...)

Lilian França (1994), ao ler uma das instalações de Orlando Marques, apresentada no Museu de Arte Contemporânea de Americana (SP), informa-nos que a distribuição caótica dos elementos, gradativamente refaz a imagem tradicional da cadeira, fragmentando-se e tornando um conjunto de pedaços de madeiras ao contato com o chão. As janelas que vomitam estes mobiliários são, talvez, uma estratégia do artista para criticar as mudanças de função sofridas por este prédio. Antes de ser o atual Museu, o imóvel era uma instituição escolar que permaneceu com a arquitetura parecida até se transformar em um ambiente para artistas exporem seus trabalhos. “Assim empilhadas, tipo de lixo urbano, remontam a um tempo em que eram integrante de um processo educativo, do qual o próprio edifício parece discordar, banindo-as de seu território.” (FRANÇA, 1994, p. 89) Ao amontoá-las, há, além da presença de uma possível sátira, a proposição de um “gaguejamento” dos objetos: isto são cadeiras? Mesmo aproximando a obra a um objeto cotidiano, o sentido é tensionado pelo deslocamento daquilo que é convencional.



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS



Foto: Agostinho Marques Freitas

Fonte: FRANÇA, 1994, p. 87

Assim como as obras de Orlando Marques, o teatro na escola parece despontar olhares diferentes, permitindo um esgotamento do que é conhecido e normatizado, para que, a partir daí, possamos (re)ver, por meio de um olhar estranho, aquilo que nos passa displicentemente diariamente.

(In-) conclusões

Para obter águas em suas terras, Sísifo revela um segredo de Zeus ao deus-rio Asopo. Antecipando a fúria do senhor do Olimpo, o mortal previne-se e arma uma cilada para o mensageiro da morte, enganando assim os deuses. (STEPHANIDES, 2016, p. 27) É a partir desse estado de atenção à vinda “daquilo que nos mata” que podemos confeccionar uma imagem “manchada” para o mito que se coloca predominantemente por meio da pesada pedra a ser transportada. Desbloqueamos a associação automática, a imagem clássica de um ser condenado a repetir um mesmo ato eternamente; de um professor que está cotidianamente carregando livros, cadernetas, pesos. Realocamos o professor do teatro ao

- 3341 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

buscar a metáfora de Sísifo no “avesso do bordado”, pondo em suspensão os sentidos de vocação e cansaço dados ao trabalho docente. Investigamos maneiras de tensionar essa imagem profética e “sísífica”, abrindo espaço para uma militância que se efetiva ao estar em posição de atenção, criando armadilhas para escapar das determinações condicionantes dos hábitos. Um professor de teatro que procura espaços alternativos para realizar a aula, resistindo a uma configuração cristalizada pela escola

Como o inesperado que nos faz “cair da cadeira”, desconfiamos da soberba daqueles que se sentam nas poltronas e, com tom profético, determinam “o que ensinar, como ensinar, para quem ensinar, para quem ensinar.” (GALLO, 2008, p. 65) Levantar essa suspeita é abrir-se a outros modos de vivenciar o cotidiano escolar, desvencilhando das significações imediatas, resistindo ao que foi estabelecido como verdade e estando sensível aos micro nascimentos que encontramos nesse percurso chamado cotidiano escolar.

Sobre esta inventividade presente no professor de teatro, reportamo-nos ao que Jorge Larrosa (2010) comenta sobre a infância. Ele afirma que somos tendenciosos a produzir certezas sobre o nascimento de uma criança. Por meio de previsões, antecipamos as necessidades de um recém-nascido, os caminhos que ele deve seguir para que se desenvolva saudavelmente. Fortalecemos o nosso poder, pois a figura que acabou de nascer encontra-se vulnerável às nossas escolhas. Decidimos, então, qual será seu nome, o que deve vestir, as cores que deve usar; construímos um lugar na nossa casa somente para ela, como se a criança fosse nossa propriedade.

A criança, ao entrar no nosso mundo, não apenas encaminha-se para um processo de maturação, de desenvolvimento. Ela também traz consigo a novidade incalculável do imprevisto. Se apenas considerarmos que o nascimento é um ponto inicial de um processo que já foi antecipado, a partir de mensurações e estudos, não estamos considerando o fato de que a criança ao vir ao mundo traz sua própria novidade. A alteridade do indivíduo só se

- 3342 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

efetiva quando nos encontramos com este ser, quando cessamos de falar e paramos para ouvir o que há de inédito no acontecimento, sem vinculá-lo a uma causa anterior ou a uma situação semelhante; “o que, de longe de se inserir placidamente nos esquemas de percepção que funcionam no nosso mundo, coloca-os radicalmente em questão.” (LARROSA, 2010, p. 189).

É essa abertura aos desvios sobre algo que estamos acostumados, conforme apontou o filósofo italiano, que nos referimos às mudanças de percursos oferecidas pelo professor de teatro na escola. Ao experimentar a alteração de como se organiza o mobiliário escolar, este professor buscar lugares para que a vida possa brotar, intervalos aos quais possa respirar. A representatividade do professor como um Sísifo cede lugar para a imprevisibilidade dos nascimentos, forçando a abertura de frestas para que a militância exercida nas micro-relações desorienta as certezas engessadas. Mesmo em sua repetição diária de tarefas burocráticas, a “sísificidade” do professor de teatro pode ser borrada, mirando para além do que foi mensurado e elaborado previamente: quando o cotidiano transveste-se de “sem nome”, suspende o fluxo tranquilo das certezas e “cai da cadeira”.

Referências

CRUZ, Silvia Helena Vieira. Representação de Escola e Trajetória Escolar. *Psicol.*

USP, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 91-111, 1997. Disponível em:
<<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65641997000100006>> Acesso em 26 junho de 2016.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. Vol. 1. São Paulo: Editora 34, 1995.



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

FALKEMBACH, Maria Fonseca; FERREIRA, Taís. *Teatro e dança nos anos iniciais*. Porto Alegre: Mediação, 2012.

FRANÇA, Lilian Cristina Monteiro. *Caos - Espaço - Educação*. São Paulo: ANNABLUME, 1994.

GALLO, Silvio. *Deleuze & a Educação*. – 2. ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GENTILINI, João A.; SCARLATTO, Elaine Cristina. Inovações no ensino na formação continuada de professores: retrocessos, avanços e novas tendências. In. MATTOS, Maria José Vianna Marinho; PARENTE, Cláudia da Mota Darós; VALLE, Luiza Elena L. Ribeiro do. (Org.) *A formação de professores e seus desafios frente às mudanças sociais, políticas e tecnológicas*. Porto Alegre: Penso, 2015. p. 15-42

GONZAGUINHA. De volta ao começo. In.: COSTA, Gal. *Gal Profana*. Rio de Janeiro: SIGLA e Guerenguê, 1984. 1 disco sonoro. Lado A, faixa 5.

LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas*. - 5. ed. - Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

LINHARES, Célia Frazão Soares. *A escola e seus profissionais: tradições e contradições*. - 2 e.d. - Rio de Janeiro: Agir, 1997.

OLIVEIRA, Eloiza da Silva Gomes de. Trabalho do professor - trabalho de Sísifo? A heróica dimensão imaginária da docência. In.: VIELLA, M. (Org.). *Tempos e espaços de formação*. Chapecó: Editora Argos, 2003. p. 197-218

- 3344 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

CENA 11, Cia de Dança. *Pequenas frestas de ficção sobre a realidade insistente*.

Direção artística e coreografia: Alejandro Ahmed. Espetáculo de dança, 52'02''.

Gravado ao vivo no SESC Pinheiros: 2009. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=IJlLn7af-qw>> Acesso em: 10 de junho de 2016

SANTOS, B. Do pós-moderno ao pós-colonial e para além de um e de outro. In:

Conferência de abertura do VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais.

Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Coimbra: 2004.

SILVA, Kátia Maria. *O corpo sentado*: Notas críticas sobre o corpo e o sentar na escola. Campinas: Faculdade de Educação da Unicamp, Dissertação de Mestrado, 1994.

STEPHANIDES, Menelaos. *Teseu, Perseu e outros mitos*. São Paulo: Odysseus

Editora, 2016. E-Book. ISBN: 978-85-7876-054-0. Disponível em:

<https://books.google.com.br/books?id=rdfVCwAAQBAJ&pg=PT31&dq=s%C3%ADsifo&hl=pt-BR&sa=X&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false> . Acesso em: 23 de junho de 2016

VELLOSO, Jorge; VERCILLO, Jorge. O que não conheço. In.: BETHÂNIA, Maria. *Tua*. Rio de Janeiro: Biscoito Fino, 2009. 1 CD. Faixa 3.

WUPPERTAL, Tanztheater. *Café Müller*. Produção e coreografia: Pina Bausch. Espetáculo de Dança, 49'18''. Estreado em 20 de maio de 1978. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=WZd2SkydIXA>> Acesso em: 10 de junho de 2016.